



Blumênau

em Cadernos

Tom o VIII

Nº. 12

Emprêsa Industrial Garcia S/A

BLUMENAU — Santa Catarina

ESCRITÓRIO E FÁBRICA: RUA AMAZONAS, 4906

GARCIA

Enderêço Telegráfico: «GARCIA» — Caixa Postal N°. 122

Fiação e Tecelagem de Algodão

— Fios de algodão de superior qualidade —
— Toalhas felpudas de rosto e de banho —
Toalhas de mesa - Panos de copa - Lenços
Roupões, etc. - Atoalhados - Cretones e
outros tecidos

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VIII ★ — OUTUBRO 1967 — ★ N.º 12

SEMINÁRIO QUARENTÃO

Dos 753 meninos matriculados de 1927-1955 no Seminário de Azambuja — 132 são padres (18%).

Pe. Raulino REITZ

FUNDAÇÃO — Desejo apresentar alguns subsídios para a problemática vocacional sacerdotal ao publicar o resultado de minhas pesquisas estatístico-históricas por ocasião do transcurso do quadragésimo ano de fundação do Seminário N.ª. S.ª. de Lourdes, de Azambuja, Brusque, S. Catarina.

No dia 11 de fevereiro de 1927 (data oficial da fundação), na Conf.ªncia eclesiástica anual por ocasião do Retiro espiritual do Clero, Dom Joaquim Domingues de Oliveira para atender às vocações para o estado eclesiástico na Arquidiocese de Florianópolis, indicou o Pe. Jaime Câmara, Cura da Catedral, como primeiro organizador e reitor do Seminário. Grande foi o entusiasmo dos padres que logo enviaram ao Pe. Jaime diversos meninos para estudar em Azambuja, onde iria funcionar o novo Seminário.

Surgiu logo entre diversos sacerdotes, antipatia pelo local escolhido para sede do Seminário, pois Azambuja era conhecida por tóda a parte pelo hospício de alienados que lá existia. Ofertas concretas para o Seminário surgiram em Criciúma, Nova Veneza e São José.

EM FLORIANÓPOLIS — Um movimento, porém, intenso, surgiu em Florianópolis para manter o Seminário na Capital. A família Aducci prontificou-se a ceder, por preço módico, uma casa situada à rua José Veiga nr. 2 que seria paga pelos católicos florianopolitanos. Aceita a proposta pelo Sr. Arcebispo foi começada a adaptação da casa para o Seminário.

A 4 de março vieram os primeiros seminaristas, que com os restantes (16 eram os seminaristas em 1927) foram alojados nas dependências da Catedral de Florianópolis até o dia 8 de março, em que se mudaram para o Seminário à rua José Veiga nr. 2. As primeiras aulas foram dadas pelo Pe. Jaime ao ar livre, servindo de quadro negro o pátio areado da casa.

EM AZAMBUJA — Quase um mês depois, a 6 de abril, quando dita casa já estava adaptada, com capelinha, dormitório, sala de aula, etc. veio a notícia de que o Sr. Arcebispo resolvera mudar o Seminário definitivamente para Azambuja, no município de Brusque. Pe. Câmara, como os católicos florianopolitanos em geral, ficaram surpresos. Numa visita que o Rei-

tor fêz então ao Sr. Arcebispo, êste informou que, pelo fato de ainda não ter sido paga a quantia de 30 contos à família Aducci em pagamento da casa e por dificuldades em arrumar o dinheiro e pelo motivo de a Mitra possuir em Azambuja um edifício próprio em ótimas condições, êle determinava que fôsse para lá transferido o Seminário. Tratava-se do hospital arquidiocesano cujo 2º e 3º pisos seriam ocupados pelos seminaristas.

Em 18 de abril de 1927, partem 2 caminhões com a mudança e 4 alunos. Dois dias depois chegam os últimos seminaristas a Azambuja.

As principais autoridades de Brusque, que somente viam diminuído o hospital da cidade, não se conformaram com a mudança do Seminário para Brusque, tentando impedir o desembarque dos meninos. Nada, porém, aconteceu, por ter sido a chegada imprevista e à noite. Mas as relações voltaram ao normal com o oferecimento, por parte do Seminário, de um almoço às autoridades brusquenses, no dia 26 de maio de 1927, na festa da padroeira N.ª. S.ª. de Caravaggio.

COMÊÇO PECULIAR — Um padre, uma moça e 16 rapazes, formam o corpo docente e discente do primeiro Seminário catarinense. No primeiro ano Pe. Jaime lecionou Latim, Religião e Alemão. Dona Hilda Dominoni, Português, Matemática, Sagrada Escritura, Geografia e História Universal.

Sob um horário e um regulamento bem elaborados, uma séria vida de piedade e disciplina, um são humor e copiosas bênçãos de Deus e de Nossa Senhora decorreu ótamente o primeiro ano da vida do Seminário. A vida comunitária foi tão agradável que Pe. Jaime escreveu no diário da casa: "Os alunos gostam tanto do Seminário que neste fim de ano nem se fala em férias, passeios, viagem, etc. Nem mesmo os dois premiados com uma viagem ao Rio de Janeiro se mostram entusiasmados".

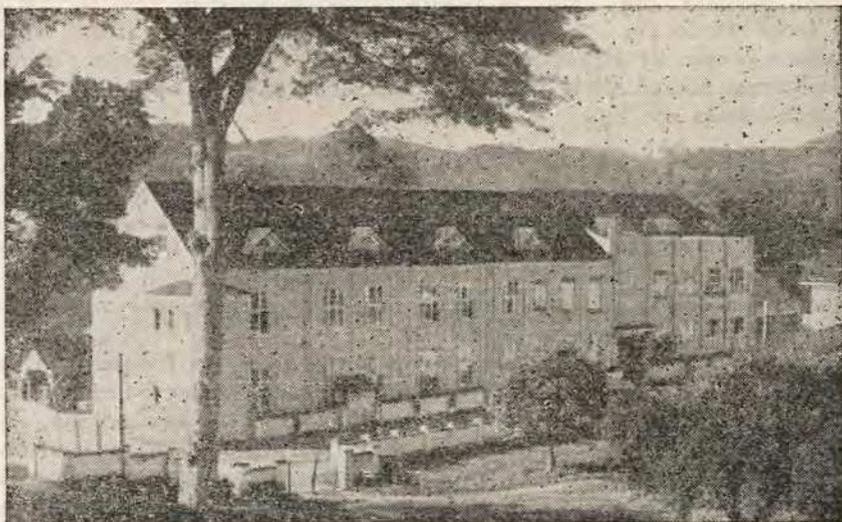
UM SEMINARIO DE LINHA — Dom Afonso Niehuss, nosso amado Arcebispo, ao encerrar o ano letivo de 1966, afirmou em sua tala que o Seminário de Azambuja possui uma «linha e tradição» que são resultado de seus 40 anos de rica experiência. Isto serve de meditação para os corifeus de reforma radicais (mudar por mudar) dos Seminários. As conquistas sólidas e frutuosas não se devem pôr de lado. A piedade, a disciplina, a seriedade no ensino e na aprendizagem que sempre distinguiram o nosso Seminário são preciosas conquistas que alinham êste Seminário entre os modelares do país. Neste Seminário são formados sacerdotes e cristãos responsáveis e úteis à Igreja. Aqui, antes de tudo, se reza, se estuda, se trabalha, se educam o futuro padre e o cidadão.

Os resultados estão aí: 132 bons sacerdotes trabalhando na scára de Deus e tantos cristãos ilustres que não sentindo o chamado do Divino Mestre para o sacerdócio, partiram para outras lidas onde estão vencendo na vida. Só para lembrar como aproveitam os ensinamentos recebidos no Seminário, cito os ex-seminaristas que ocuparam altos cargos no Govêrno Celso Ramos: Dr. Lecian Slovinski, Presidente da Assembléia, Dr. Lauro Locks, Secretário da Educação e Cultura, Dr. João Rodrigues, Secretário do Trabalho, Dr. Antônio Pichetti, Secretário da Agricultura.

Um factor que muito contribuiu para o bom andamento dêste Seminário, é a estabilidade dos Reitores e dos Professores. Nestes 40 anos, foram 4 os reitores da casa: Pe. Jaime Câmara (1927-1935), Pe. Bernardo Peters (1936-1946), Pe. Afonso Niehuss (1947-1958), Pe. Valentim Loch

(1959 1967) A maioria dos professores também foi bastante estável, havendo alguns que lecionam há mais de 20 anos.

SEMINÁRIO COSMOPOLITA — Uma das características deste Seminário é o seu cosmopolitismo. Desde os primórdios são matriculados aqui os seminaristas do rito Ruteno, portanto meninos de origem ucraina e outros eslavos provenientes do Paraná. Por muitos anos estudaram aqui seminaristas das dioceses de Tubarão, Joinville, Lajes, Ponta Grossa. Esporadicamente temos alunos de muitos outros estados do Brasil. Tal agrupamento de estudantes de diferentes etnias e procedências é um factor positivo na educação ambiental.



A antiga sede do Seminário de Azambuja, agora transformada em museu e onde se guarda preciosos exemplares de arte religiosa antiga, além de outros documentos e objetos de grande valor histórico e artístico.

ATUALIZAÇÃO — Com muito critério, após sólidas considerações de superiores e sugestões de alunos, sob aprovação do Sr. Arcebispo, são introduzidas inovações alterando a vida de internato no que é negativo e conservando-a no que é positivo. Dezenas de cursos e encontros já assistidos por professores da casa, mesmo no Exterior, inclusive o Curso de Pedagogia e Didática realizado em Lajes, em janeiro último em que tomaram parte todos os professores do Seminário.

O Seminário está perfeitamente atualizado em todos os setores educativos e pedagógicos. Mas nunca se lançou em experiências excêntricas de efeito duvidoso «novitatis causa».

FATO MAIS GRAVE — Entre os acontecimentos negativos mais graves que se registraram nestes 40 anos, um foi, sem dúvida, o pior: a grande incidência de malária. Desde sua fundação, até os anos de 1946, em escala ascendente a febre intermitente castigava professores e alunos. Houve épocas em que a metade dos seminaristas e a metade do professorado esta-

va acometida de fortes febres. Cogitou-se na mudança do Seminário para um lugar mais salubre! Felizmente, êste ato não foi necessário graças ao grande esforço do Serviço Nacional de Malária que, com uma série de medidas, como dedetização dos prédios, destruição das Bromélias (Gravatás), derrubada de florestas, exame e medicação dos doentes conseguiu reduzir a malária a uma incidência sofrível, desde 1946. Foi sanado o Vale de Azambuja com tão benéficos resultados que, em muitos anos, não houve mais nenhum caso de malária a lamentar.

OBRA MAIS NOTA'VEL — A obra mais importante que repercutiu benéficamente na vida do Seminário foi a construção do grande prédio novo, iniciado em 1957. A planta aprovada foi o 6º projeto que agradeu a todos tanto por suas divisões internas como por suas linhas externas. E' o maior prédio de Brusque e custou, sem dúvida, procupação e suores ao Pe. Guilherme Kleine. Nele há espaço suficiente para 200 alunos, não tendo sido ainda lotado até hoje.

SITUAÇÃO EDUCATIVA IMPAR — O sistema ideal da educação está baseado no trinômio: Igreja, Escola, Museu: Neste campo o nosso Seminário goza de uma situação educativa impar. A artística Capela do Seminário e o famoso Santuário de Nossa S. de Azambuja forjam nos seminaristas o espírito do homem cristão e o gôsto pela liturgia; o Seminário bem aparelhado produz o homem culto; o museu liga o presente ao passado, à tradição, formando o homem ideal.

A instalação do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim no prédio do antigo Seminário foi uma obra de grande alcance para a formação completa dos futuros sacerdotes. Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional me afirmou que a fundação de um museu junto ao Seminário foi uma das iniciativas mais louváveis para inculcir no espírito dos sacerdotes o gôsto pela arte e o espírito de conservação dos nossos tesouros artísticos e culturais.

ESTATÍSTICA — Tomo aqui como base desta análise estatística os 753 alunos matriculados de 1927-1955 (28 anos e não 40 anos porque a última turma que se formou no ano passado foi a de 1955).

I — DADOS ABSOLUTOS SÔBRE OS ALUNOS ORDENADOS

Dos 753 alunos matriculados de 1927-1955, 132 são hoje sacerdotes. A perseverança foi, pois, de 17,53%. Dêstes 4 foram secularizados.

1. Segundo a etnia: Dos 132 padres são de origem:

Alemã	63 (47,72%)
Italiana	39 (29,50%)
Lusa	20 (15,22%)
Eslava	9 (6,81%)
Africana	1 (0,75%)

2. Segundo a residência: Dos 132 padres são nascidos em área

Rural	105 (80 %)
Urbana	27 (20 %)

II DADOS RELATIVOS AOS 753 ALUNOS MATRICULADOS

1. *Persistência segundo a etnia:*

Etnia	Matriculados	Persistência	Porcentagem
Alemã	276	63	23 %
Italiana	183	39	21 %
Africana	5	1	20 %
Eslavas	56	9	16 %
Lusa	233	20	8 %

2. *Persistência segundo a residência:*

Residência	Matriculados	Persistência	Porcentagem
Rural	516	105	20 %
Urbana	237	27	11 %

III — DADOS ABSOLUTOS SEGUNDO OS ANOS DE MATRÍCULA

Ano	Matriculados	Ordenados	Perseverança
1927	16	7	43 %
1928	13	1	7 %
1929	24	6	25 %
1930	25	3	12 %
1931	14	2	14 %
1932	26	7	24 %
1933	23	4	17 %
1934	10	1	10 %
1935	22	6	27 %
1936	16	4	25 %
1937	22	3	13 %
1938	21	7	33 %
1939	22	4	18 %
1940	45	6	13 %
1941	41	10	24 %
1942	30	3	10 %
1943	22	5	22 %
1944	—	—	—
1945	27	6	22 %
1946	26	9	34 %
1947	18	8	44 %
1948	36	8	22 %
1949	31	3	9 %
1950	49	4	8 %
1951	43	2	4 %
1952	38	5	13 %
1953	30	2	6 %
1954	41	3	7 %
1955	25	3	12 %

Obs : — O ano de 1954 está sem matrícula porque neste ano a 1ª Série se mudou para o Pré seminário de São Ludgero, onde foi feita a matrícula. Mais tarde tanto o Preparatório como a 1ª Série voltou a Azambuja.

ANÁLISE ESTATÍSTICA RELACIONADA COM A PERSEVE-

RANÇA — Como todo o sucesso humano, especialmente nos sectores mais difíceis, como sem dúvida é o problema vocacional sacerdotal, depende da pesquisa, puz-me a procurar êstes dados através dos quais os encarregados do Estudo do Problema Vocacional possam vislumbrar onde estão os índices mais positivos da perseverança vocacional. Com esta estatística temos os dados concretos dum Seminário com 40 anos de funcionamento situado numa zona das mais religiosamente educadas do país de pouco mais de um século de colonização na sua área interiorana. Poderemos vislumbrar, como que através dum microscópio aplicado na vida dêste Seminário, os sucessos e fracassos no campo vocacional. Não tenhamos dúvida: o sucesso e o fracasso de uma vocação sacerdotal estão em grande parte ligados a uma vida familiar cristã. Na retrospectção da vida do Seminário de Azambuja esta estatística em frios números nos aponta quais são e onde vivem as famílias de vivência cristã mais profunda. Como o leitor atento poderá observar na transparência dêstes algarismos há dois índices mais negativos na perseverança da vocação sacerdotal em nosso meio, a saber, a etnia lusa e a procedência de cidade. De outro lado há dois índices mais positivos, que são a etnia alemã e a procedência de zona rural.

Além desta minha afirmação proceder desta estatística, quero apresentar dois anos, escolhidos dentre os de melhor e peor perseverança para confirmar minha asserção e ao mesmo tempo dar uma mostra do funcionamento dos índices positivos e negativos.

Coincidência de índices negativos

Ano	Alunos	Lusos	Ital.	Alem	Esl.	Urbano	Rural	Padres	Persev.
1928	13	11	2	0	0	7	6	1	7 %

Há visível preponderância de Lusos e de procedência de cidades, neste curso. Ordenou-se apenas 1 padre de etnia italiana vindo de zona rural.

Coincidência de índices positivos

Ano	Alunos	Lusos	Ital.	Alem.	Esl.	Urbano	Rural	Padres	Persev.
1947	18	2	7	7	2	7	11	8	44 %

Êste curso foi o de menor perseverança: 44 %. Dos 8 padres formados, 4 são de etnia alemã, 2 italiana, 1 eslava e 1 mestiço de lusa e italiana. Quanto à residência, 6 são rural e 2 urbana.

O SEMINÁRIO DE HOJE — A situação do Seminário Metropolitano de N. S. de Lourdes, em Azambuja, de hoje é boa. Conta com prédio amplo e moderno, de ótimas instalações. Anexo ao Seminário funcionam: Museu Arquidiocesano Dom Joaquim em amplo prédio de 3 pisos, com 19 salas e 4 salões, com 2.510 peças expostas; o famoso Santuário de N. S. de Azambuja; o Hospital Arquidiocesano Consul Carlos Renaux, com 120 leitos e 12 médicos e um Asilo de Velhos.

O corpo docente conta com 6 professores sacerdotes e seis não sacerdotes. Nas 6 séries das quais a segunda série ginásial é desdobrada (a 1a. série ginásial, funciona em Antônio Carlos com 40 alunos), estão matriculados 132 alunos. O currículo compreende as disciplinas seguintes: Português, Filosofia, História do Brasil, História das Américas, História Geral, Geografia do Brasil e Geral, Cosmografia, Iniciação às Ciências, Ciências Fi-

sicas e Biológicas, Anatomia e Fisiologia Humanas, Zoologia, Botânica, Agronomia, História das Ciências, Matemática, Contabilidade, Religião, Sagrada Escritura, Apologética, História Eclesiástica, Sociologia, Psicologia, Latim, Grego, Francês, Inglês, Alemão, Italiano, Organização Política e Social Brasileira, Canto Orfeônico, Desenho, Educação Cívica e Educação Física.

Os alunos se organizaram no Grêmio Estudantil Monsenhor Cordioli, com os setores seguintes: Cultural: Academia Literária São Luís, Recreativo: Conjunto Uirapuru e outros, Artístico, Opinião pública, Liturgia, Social, Relações Externas, Catequético. Funciona ainda o Clube botânico com vista ao estudo das plantas e suas utilidades e a Conservação da Natureza.

Dos 132 padres ordenados, Dom Afonso Niehues é o Arcebispo Coadjuutor e Administrador Apostólico da Arquidiocese de Florianópolis, Dom Wilson Laus Schmidt é Bispo Diocesano de Chapecó e Dom Gregório Warmeling é Bispo Diocesano de Joinville. Pe. Antônio Guglielme foi perito do Concílio Vaticano II. Pôsto mais avançado galgou o 1º Reitor que é o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

O ano de 1868 foi um ano muito inteliz para Blumenau. Pelo menos os últimos meses. Chuvas continuadas prejudicaram as comunicações, tanto na Colônia, como para fora. Também o movimento imigratório diminuiu muito. Nos últimos meses, o auxílio que os colonos recém-chegados recebiam do governo, não tinha sido pago. A 11 de dezembro, caiu um forte temporal de vento e chuva que arrancou pontes e causou grandes prejuízos nas plantações. Dois moços foram à caça. A arma de um disparou, causando a morte do companheiro. Uma mulher recentemente imigrada, assistia em casa de uns parentes. O dono da casa havia armado uma armadilha, com uma espingarda que dispararia ao puxar-se um cordão. Desejava êle apanhar, assim, uma capivara que andava fazendo dano nos seus terrenos. A mulher, despercebidamente, passou pelo local da armadilha. A arma disparou, atingindo-a na perna. Dias depois a mulher morreu. Dois homens foram à caça de uma anta. Ao passarem por debaixo de um tronco de árvore caída, a espingarda de um deu com o gatilho no trengo e disparou, atingindo o outro no baixo ventre, matando-o. Um menino de 12 anos, ao banhar-se no Itajaí, morreu afogado e outro, de 13 anos, morreu afogado no Ribeirão Encano quando tentava atravessar uma ponte que se encontrava debaixo da água pela cheia. Isso tudo nos dois últimos meses do ano!!

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr. \$ 3,00 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

COISAS DE FEITIÇARIA

Os caboclos brasileiros são tidos como demasiadamente supersticiosos. E não sem razão. Creem em tudo: em feitiços, bruxarias, maus-olhados, benzimentos, o diabo! A êsse respeito, contam-se coisas espantosas. Os colonos que vieram colonizar o Vale do Itajaí, procedendo de um país onde a civilização era bem mais adiantada que a nossa, estavam menos apegados a credences absurdas. Por isso pouco se ouviu sôbre superstições nos princípios da colonização de Blumenau.

Isso, entretanto, não quer dizer que não houvesse, e não haja ainda, muita superstição entre os colonos alemães dêste e de outros municípios de colonização germânica.

Se os brasileiros têm manchas na sua história, devidas ao fanatismo dos caboclos, como as aventuras de Canudos, do Contestado e do Padre Cícero, os imigrantes alemães, no Brasil, não podem se vangloriar de não as ter tido também em seus fastos. Os Muckers, no Rio Grande do Sul, não foram nem menos fanáticos, nem menos bárbaros que os caboclos de Antônio Conselheiro e de José Maria. Jacobina Meurer não perde, para os dois últimos, em credence e em malvadez.

Muitos dos colonos do Dr. Blumenau não só haviam trazido, da Europa, crenças e práticas supersticiosas, como deixavam-se levar, facilmente, pelas lábias e conversas dos profetas nativos. Eram vítimas fáceis dos caboclos espertos que percorriam as estradas da Colônia.

O Professor Rodolfo Hollenweger, que além de um grande mestre-escola foi, também, um grande observador de certas particularidades e distorções dos usos e costumes dos seus contemporâneos blumenaueses, escreveu coisas interessantes a êste respeito.

Vamos resumir alguns fatos que êle conta para que se veja que o homem, alemão ou brasileiro, chinês ou polaco, grego ou argentino, aqui ou na culta Alemanha ou em qualquer outra nação do globo, é, por sua própria natureza, supersticioso. Teme o sobrenatural e, na sua ignorância, procura meios de defender-se do que chama de «forças ocultas», «influências espirituais» e queijandos.

Na Estrada da Canela, conta Hollenweger, existia um colono chamado Fritz Haller que era um bom homem, simples e modesto, que vivia em paz, trabalhando com afinco para sustentar a família. Mas, era extremamente supersticioso. Vivia sempre com medo dos milhares de inimigos invisíveis que o rodeavam. A cada encontro êle sentia logo a desconfiança de algum mal. Enfiasse êle, pela manhã, uma peça de roupa pelo avêssio, ou abotoasse-a em casa errada, e o dia estava perdido para êle. Se um inocente beija-flor lhe entrasse em casa, estava arranjado o motivo para que o homem nem fosse para a roça com medo de algum acidente desagradável. E se, quando fôsse, despreocupadamente, para o serviço, cruzasse um anú preto o seu caminho, pronto! voltava para casa e, naquele dia, não pegava mais na enxada. A' noite, quando ia para cama, fazia questão de colocar os sapatos com os bicos voltados para debaixo do leito e o direito no lugar do esquerdo, certo de que, assim, afastaria os maus espíritos noturnos.

Além dessas credences que, sem que êle o percebesse, lhe amarguravam a vida, Fritz Haller tinha outro grande defeito. Embora fôsse um

colono bem arranjado, êle tinha a mania de pedir coisas emprestadas aos vizinhos. Eram utensílios de cozinha, ferramentas e até mesmo gêneros alimentícios. E quando, com o usar demais uma foice, ou um machado, enchia-os de «bocas», deixando um alfange transformado em verdadeiro serrote, então êle devolvia o empréstimo, mas evitava por alguns dias encontrar-se com o visinho, com medo da reação dêste. Êsse costume — aliás um péssimo costume — conquistara-lhe uma fama pouco lisongeira.

Bem. Havia um vizinho de Fritz Haller, que tinha o apelido de João Comprido e que também não era menos supersticioso. Mas as suas crendices estavam mais ligadas aos animais domésticos. Ele possuía duas bellíssimas vacas leiteiras que tratava com todo carinho, dando-lhes alimento abundante e do melhor. Mas um dia a «Flor», como era tratada uma das vacas, não deu mais leite. E não havia dar-lhe às tétas, nem bater-lhe o úbere. Não saía senão uma minguada gotinha do precioso alimento.

E o João Comprido convenceu-se logo de que aquilo fôra feitiço. Alguém havia feito «coisa», ou botado mau-olhado na sua «Flor». A mulher concordou também. Não era natural que uma vaca, tão bem tratada, de um momento para outro, sem motivo aparente, secasse. Assim, João procurou um curandeiro que morava perto, que se chamava Melchior.

Melchior era dêsses boas-vidas que não queriam nada com o trabalho pesado. Metido a «doutor», era considerado o homem pra tudo: afugentava os maus espirítos, curava as febres, a epilepsia, os «raios de sol» e muitas outras doenças. E quando êle não sabia o nome do mal, costumava dizer que era «golpe de lua», ou febre estomacal etc. Também curava animais possêssos ou pesteados. E usava sempre dois exorcismos: um mais fraco, que custava 3 mil réis e outro mais forte que custava 5. Êste não falhava. O espertalhão não pedia paga pelo seu serviço, mas todo mundo já sabia pela prática que o seu trabalho só dava resultado se pago adiantadamente.

Pois a êsse homem é que o João Comprido foi procurar. Melchior prometeu que iria, à noitinha, ver a vaca doente. A noitinha sempre o «trabalho» era mais bem feito e dava melhores resultados.

Realmente, mal o sol ia se escondendo por detrás das serras do Garcia, Melchior appareceu em casa do João Comprido e foi examinar a «Flor». E ao vê-la e tocá-la, fêz cara carregada e sacudiu a cabeça dizendo: «Isto é grave, muito grave!»

Ao ouvir isso, o João Comprido foi adiantando:

— Faça logo os dois benzimentos: o forte e o fraco, pois estou disposto a tudo e aqui não falta. E batia no bolso da calça, onde tinham algumas moedas.

Melchior, então, de um salto aproximou-se da vaca, que se tornara inquieta, passou-lhe a mão várias vêzes pelo nédio lombo, mormurando palavras inintelligíveis. Depois, traçou sobre um retalho de papel algumas letras, formando figuras em forma de cruz e colocou-o, dobrado, na fenda do encaixe de dois caibros, bem na ponta de um dos esteios da estrebaria, tapou-a com uma rolha e bezuntou-a com cêra de abelha silvestre. Melchior, que não era nada bobo, notou o suor que banhava a base do nariz de João Comprido e da mulher e viu nêle o pavor de que os dois estavam tomados. E, fazendo ainda uns exorcismos com a mão, disse ao casal que tomasse cuidado durante três dias, durante os quais não deveriam emprestar coisa alguma fôsse a quem fôsse, pois, o espirito do mal, a pretexto de pedir algo

emprestado, viria desmanchar o «serviço feito». E, dito isso, embolsou 8 mil réis e mais duas galinhas e foi-se.

Aconteceu que o nosso conhecido Fritz Haller, naquela mesma noite, tivera visita que se demorara até tarde. Tratava-se de um parente que viera em companhia de dois amigos que queriam comprar uma vaca nas rondozelas. E com isso, o pão que a mulher de Fritz tinha em casa se acabara e ela nem tinha para dar com o café da manhã aos seus hospedes inesperados. E, então, mandou que o marido fôsse à casa do João Comprido pedir uma broa emprestada.

Mal Fritz chegou à porta da casa do João e êste tomou conhecimento do pedido, desancou o pau nas costas do vizinho, chamando-o de quanto nome feio sabia. A mulher e os hospedes do Fritz, que ouviram os gritos do marido e as descomposturas do João, saíram a correr para ver o que estava sucedendo. Pergunta daqui, explica dali, o caso foi esclarecido, embora tudo não tivesse servido para sarar as costelas do Fritz que ficaram cobertas de riscos vermelhos das lambadas que recebera.

E um dos visitantes, que era um sujeito sabido, quiz ver a vaca doente. A principio o João Comprido não quiz permitir. Mas, tanto o outro insistiu, tais argumentos apresentou, que, afinal, foi levado até à estrebaria. Ao ver a vaca, gorda que era uma beleza, e o cocho cheio de batata doce e mandioca picadas, o homem ofereceu por ela uma soma bem alta. João Comprido não vacilou. Vendeu logo o animal, que o visitante levou, puxando-a por uma corda.

Dias depois, aconteceu que João Comprido passasse pela casa do homem que lhe havia comprado a «Flor», e não resistiu ao desejo de rever a vaca que lhe dera tanta preocupação. A mulher do novo proprietário estava, justamente, mungindo o belo animal, de cujas têtas o leite espirrava quente e abundante. João Comprido olhou o interlocutor de boca aberta, sem saber o que dizer.

E o homem então explicou: A «Flor» o que ela tivera fôra excesso de comida. Tinham-lhe dada tanta batata, tanto aipim, tanto capim, que a bicha suspendera a lactação, como geralmente sucedia com vacas superalimentadas.

João Grande continuou o seu caminho pensando na burrice que cometera e consolando-se com a surra que dera no Fritz que, nunca mais, se animou a ir pedir coisas emprestadas.



De fato já era mesmo uma exploração o que o «Colonie-Zeitung» denunciava em seu número de 16 de janeiro de 1869, em correspondência enviada de Blumenau. Esta dizia: Os vendedores de Blumenau só querem nos vender a dinheiro de contado, mas não querem comprar-nos os gêneros que produzimos, pois no interior da Colônia êles os compram mais barato. Os vendedores exploram-nos, pois, querem um lucro de 100%. Por exemplo vejamos o que acontece com a cachaça. Esta é comprada nos colonos da margem do rio a 16 e vinte vinténs a medida, ou sejam a 4 e 5 vinténs a garrafa. Cada garrafa lhes dá 12 cálices que êles vendem a 2 vinténs cada. Assim êles revendem cada medida por 96 vinténs. De fato, já era exploração E hoje?

AS COMUNAS DO VALE DO ITAJAÍ

ITUPORANGA

ALFREDO CARDOSO

Localização — Ituporanga localiza-se na zona fisiográfica da Baía do Itajaí. A Cidade fica às margens do rio Itajaí do Sul, e dista 106 Km em linha reta da Capital do Estado, possuindo as seguintes coordenadas geográficas: 27° 22' 45" de latitude sul e 49° 35' 51" de longitude W. Gr.

Altitude — 370 metros na Sede Municipal, sendo o 42° lugar em ordem crescente de altitude no Estado de Santa Catarina.

Clima — Em geral, quente e úmido. No verão a temperatura se eleva, muitas vezes a 37° C. As chuvas predominam no verão com fortes trovoadas, variando as precipitações anuais entre 1.400 a 2.000 mm.

Área — A área do Município é de 550 quilômetros quadrados.

Principais acidentes geográficos — Rio Itajaí do Sul, que atravessa o Município na direção sul-norte. Salto Grande com 400 H. P. aproveitados. Salto de Águas Negras, com 375 H. P. aproveitados. Serra Geral, Serra dos Faxinais.

População — Conforme dados de 1965, a população rural é de 13.471 habitantes e a urbana de 3.086.

Ensino — Possui o Município 50 escolas primárias além de escolas com cursos secundários.

Assistência Médico Sanitária — A assistência médica, no Município, é prestada à população por 2 médicos, 3 dentistas e 3 farmacêuticos.

Manifestações Religiosas — 4 sacerdotes católicos, 1 pastor evangélico e 1 pastor adventista servem a população.

Meios de transporte e comunicações — O Município é servido por 2 empresas rodoviárias para passageiros. Dista a cidade cêrca de 183 Km da Capital do Estado, por rodovia, 28 Km até a cidade de Rio do Sul, 135 Km até a de Lages, 85 Km até a de Bom Retiro. Na cidade funciona uma Agência Postal Telegráfica do Departamento dos Correio e Telégrafos e um Agência Telefônica da Companhia Telefônica Catarinense.

Indústrias: — Existem no Município, 13 indústrias com 5 ou mais operários e 40 indústrias com menos de 5 operários.

Atual governo do Município — Dr. José Bonifácio da Silva, Juiz de Direito; Dr. Aires Cesar Pereira - Promotor Público; o Poder Executivo é exercido pelo sr. Antônio Vandressen e o Legislativo por sete Vereadores.

Criação e Lavoura — Existem, no Município, 7.000 cabeças de gado vacum; a suinocultura conta com 35.000 porcos e a avicultura com 80.000 aves. As mais recentes colheitas no município são as seguintes: 75.600 toneladas de mandioca, 40.800 arôbas de fumo em fôlha, 56.000 sacos de milho, 45.000 toneladas de batata doce, 114.300 sacos de batatinhas, 4.786 sacos de arroz, 4.000 sacos de feijão.



ANO JUBILAR DE RIO DO SUL

ESCREVEU: Cecila Bertha Hildegard Cardoso

O ano de 1967 assinala o 75º aniversário da fundação de Rio do Sul. Este fato constitui motivo real de júbilo para a laboriosa comuna riosulense. Sem dúvida, esta magna data desperta em nós sentimentos de admiração, de reconhecimento e de gratidão para com os audaciosos e abnegados pioneiros que, sem medir esforços e sacrifícios, para aqui chegaram para desbravar a inóspita terra, derramando seu suor, que fez brotar a antiga Bela Aliança — a atual cidade de Rio do Sul, simpática e progressista, Capital e orgulho do Alto Vale do Itajaí!

Foi seu benemérito fundador o Sr. Basílio Correia de Negredo que, em 1892, com sua família se estabeleceu como primeiro morador neste maravilhoso rincão que hoje é a cidade de Rio do Sul. Ainda no mesmo ano de 1892 vieram para cá os colonos Carlos Schroeder, de Aquidaban (hoje Apiuna), August Zirbel e Jacob Heuser. Em 1897 veio fixar-se na atual localidade de Barragem o ermitão Otto Schoenichen, o qual doou, antes de falecer, a metade de seus bens (NCr\$ 9,00) para a construção de um hospital em Bela Aliança e que veio a ser o Hospital Cruzeiro — nosocômio que prima pelas suas modernas instalações, pela sua modelar administração e pela competência de seus médicos. Em 1900 estabeleceram-se aqui os colonos Hol-

ler, Starck, Witt e C. Rennert (a espôsa dêste último foi morta pelos índios, em 1909). No ano de 1904 veio morar em Bela Aliança o sr. Rudolfo Odebrecht, que aqui abriu a primeira casa comercial. Na data de 26-1-1908, quando já havia 36 residências, o Revdo. Pastor Gerold Hobus fundou aqui a Comunidade evangélica e, ao mesmo tempo, a primeira escola particular. O primeiro professor foi o sr. F. Koberstein. Por volta de 1906 o sr. Walter Baumgarten abriu aqui o primeiro hotel e a primeira padaria e o sr. Edgar Odebrecht, a primeira ferraria. Correio e telegrafo começaram a funcionar em 1910; seu primeiro estafeta foi o sr. Otto Wehmuth, que fazia o trajeto Bela Aliança — Morro Pelado.

Até o ano de 1910 a população não aumentou muito devido aos ataques de índios. Com a criação do Pôsto Indígena «Duque de Caxias» no vale do rio Hercílio, êste perigo diminuiu. Em 1911 já havia estrada até Trombudo. O primeiro Sub-delegado foi o sr. João Conrado Stoll, que também foi o primeiro professor público daqui (1912).

Em 1912, Bela Aliança foi elevada a distrito de Blumenau, sendo o seu primeiro intendente o sr. Gustavo Brandes. Em 1913 o sr. Ermenbergo Pellizzetti assumiu o cargo de Tabelião e Escrivão de Paz em Bela Aliança. Mais tarde foi também Inspetor Escolar e Deputado. Foi também o fundador do Banco «Popular e Agrícola», hoje Banco «INCO».

Êste foi, em rápidos traços, o comêço de Rio do Sul; aparecerá, um pouco mais tarde, um livro em homenagem aos seus bravos pioneiros, onde será fornecido um relato mais completo da história de Rio do Sul desde o seu início até os tempos atuais.

Achamos oportuno lembrar que seria um preito de gratidão e, ao mesmo tempo, um indeclinável dever a bem das honrosas tradições culturais de Rio do Sul, se neste jubileoso ano a progressista Comuna de Rio do Sul, em colaboração com o nosso dinâmico Sr. Prefeito e digna Câmara de Vereadores efetuasse o lançamento da pedra fundamental para a ereção de um monumento em homenagem ao bravo fundador, para exaltar o seu grande feito.

Não iríamos prestar sòmente uma confortadora solidariedade no culto de nossos ilustres antepassados, como também uma magnífica cooperação na obra educativa de nossos estudantes - os futuros cidadãos e construtores de nossa querida Pátria.

BLUMENAU LÁ FORA

Sob o título «BLUMENAU UM EXEMPLO PARA O BRASIL», o já conceituado órgão de divulgação «HORIZONTAL EM REVISTA», de Horizontina, Rio Grande do Sul, em seu número 2, de setembro deste ano, publicou o seguinte e honroso artigo que, prazerosamente, trazemos para as colunas de «Blumenau em Cadernos». Devemos a gentileza da remessa do exemplar da excelente revista riograndense ao nosso particular amigo e dedicado intelectual, sr. Ottmar Garbrecht, a quem, sinceramente, agradecemos a feliz lembrança.

E' o seguinte o artigo:

“As margens do rio Itajaí-Açu, que corre transversalmente ao litoral, vindo da magestosa Serra do Mar, localiza-se uma cidade que encanta do modo mais profundo a quem dela se aproxima pela primeira vez ou novamente: a bela Blumenau: A «Capital do vale do Itajaí»!

BLUMENAU foi fundado há pouco mais de 117 anos e a sua história é cheia de lances causadores da mais profunda emoção, onde episódios cheios de dor e de sofrimentos se entremesclam com acontecimentos plenos de alegrias e de festas.

DEVE esta singular colméia de trabalho, que tanto honra e enriquece a Pátria Brasileira, a sua existência a um jovem alemão que recém-laureado em Filosofia, aportou ao Rio Grande do Sul em 19 de julho de 1846, para estudar as possibilidades da instalação de novos imigrantes. E. “Em março de 1847 visitou a colônia de São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina, donde seguiu a pé para a então freguesia do SS. Sacramento do Itajaí”. Depois explorou essas terras acompanhado de um patrício, Fernando Hackradt, tendo um caboclo conhecedor do rio, Angelo Dias, como guia.

Em 2 de setembro de 1850, desembarcaram os primeiros imigrantes, contratados pelo Dr. Blumenau e vindos de Hamburgo.

OS PRIMEIROS colonos passaram grandes trabalhos e privações; foram por várias vezes atacados pelos índios; as feras, os répteis peçonhentos, que infestavam as florestas, causaram não pequeno número de vítimas; as cheias do rio Itajaí-Açu, por mais de uma vez, danificaram-lhes as plantações. — Vinham, porém, dispostos a tudo dominar, a transformar a mata selvagem num centro de civilização onde a vida lhes corresse mais fácil que na terra de origem.

Aquela época mal supunham aquêles 17 homens e mulheres, já precedidos do filósofo Dr. Hermann Blumenau, que, 117 anos depois, a Colônia de Blumenau fôsse capaz de apresentar esta impressionante estatística: População: 80 000 almas. Indústria 500. Casas de Comércio, mais de 700 Rádio Emissoras, 5. Jornais 2, Casas de Espetáculos 6, incluindo um dos mais completos Teatros do país, com Orquestra Sinfônica e magnífico Coral. Hospitais e Maternidades, 5. Bibliotecas 2. Estabelecimentos de Ensino, com mais de 12.000 matrículas. Faculdades 1 em funcionamento — Ciências Econômicas e outra em instalação — Filosofia. Estabelecimentos Bancários, 15.

Êstes são apenas alguns números, pois Blumenau cresce e continuará crescendo sempre. E' fato indiscutível.

BLUMENAU avança, em passo sereno, seguro e sempre!

Abrem-se ruas novas, residências confortáveis surgem por todos os recantos da cidade. Edifícios de 10, 15 e 17 e mais andares se erguem. A cidade se apinha de gente e de veículos.

Arrojadas obras de arquitetura projetam a cidade no país e no exterior, trazendo diariamente inúmeros turistas de tôdas as partes, que não poupam elogios as realizações.

O comércio, através de magníficas vitrinas, mostra a pujança econômica de Blumenau, assim como a sua seriedade, na quantidade, na variedade e na qualidade das mercadorias.

A indústria se impõe, cada vez mais, pelo consagrado e alto padrão de seus produtos, razão da excepcional aceitação em todo o mercado nacional.

Isto é Blumenau, cidade onde se trabalha e sua de sol a sol, onde também se sofre no labor diário, mas onde, ao final, sente-se o sabor da vitória do homem sobre o ambiente.

O Presidente da República Marechal Castelo Branco, resolveu fazer uma visita à Capital do Vale do Itajaí. Quiz o ilustre Presidente da República conhecer pessoalmente o potencial econômico de Blumenau, com uma visita às principais indústrias blumenauenses e um contacto com o operariado.

O Marechal Castelo Branco, visitou algumas firmas industriais, manteve contacto com o operariado blumenauense, tendo ouvido vários dos seus líderes e se inteirando das excelentes condições em que são tratados pelos seus superiores. A maneira como as indústrias blumenauenses procuram solucionar o problema relacionada com o bem estar dos seus operários impressionou muito bem ao Sr. Presidente da República que chegou a afirmar que se por todo o Brasil, os patrões tivessem o mesmo espírito de solidariedade e de compreensão que caracteriza os blumenauenses, não precisaríamos nos preocupar com o problema social.

A impressão que o ilustre Chefe da Nação teve da cidade de Blumenau, ficou perfeitamente resumida no discurso que pronunciou:

"Aqui encontramos uma colaboração revolucionária, que pode ser bem um exemplo para muitas cidades do Brasil.

Blumenau, antes da Revolução, já era um exemplo para o Brasil, pois aqui vive um povo que sempre se devotou ao trabalho; há um povo que nunca se entregou aos demandas, quer ao lado do comportamento, quer ao lado político; e, quando veio a Revolução, Blumenau compareceu com o seu trabalho de conduta exemplar e, assim tornou-se em Santa Catarina, numa verdadeira cidade pioneira da revolução de 1964.

Na minha vinda a Santa Catarina não podia deixar de lado a minha passagem por esta cidade e, aqui chegando, trago toda a minha homenagem a este povo, pedindo que continue a ser o exemplo para o Brasil, pelo trabalho e pela conduta cívica e patriótica".



O clichê que a página seguinte acolhe, representa a igreja matriz da então Cidade do Deserto, capital da província de Santa Catarina. É um desenho de Brueggmann, datado da década de 1860. As anotações manuscritas foram feitas pelo Dr. Blumenau, de seu próprio punho e se referem à classificação das árvores que crescem diante da igreja. Tratava-se de dois exemplares de «Gerivá» e dois de «Casuarina». Identifica gravura ilustra a obra de Von Tschudi, relativa à sua viagem pelo Brasil naquela época. O original se encontra no Arquivo Histórico de Blumenau



Illegible handwritten text, likely a dedication or inscription, written in cursive script on the right side of the engraving.

COLONIA BLUMENAU

QUADRO ESTATÍSTICO DO ANO DE 1861

	Número no fim do ano de 1860	Número no fim do ano de 1861
Número de moradores	947	1.531
Famílias	190	248
Homens	500	821
Mulheres	447	710
Maiores	486	837
Menores	461	694
Viúvos		538
Solteiros	591	956
Católicos :	29	162
Protestantes	918	1.369
Naturalizados	80	76
Nascimentos (26 masc. 34 fem.)	45	60
Falecimentos (17 adultos - 11 menores)	9	28
Casamentos: Católicos		1
Casamentos: Protestantes	7	15
Casamentos: Mistos		1

(: O grande número dos falecimentos extraordinários para esta colônia resulta dos colônos recém chegados dos quais faleceram 23, e entre êstes 4 afogados. A causa desta grande mortalidade é a febre nervosa, que aqueles colônos já trouxeram do navio.)

Chegaram da Europa e de diversas partes do império em 1861: Homens 312, Mulheres 236. Total:

	548
Fogos	194
Sendo: Casas sólidas	163
ditas improvisadas	131
(: ditas em construção	
Proprietários	218
336	

Profissões:

Marceneiros	6	9
Carpinteiros	6	9
dos carros	2	2

Profissões:

dos de canôas	1	1
Construtores de engenho	2	2
Torneiros	2	3
Tanoeiros	2	3
Pedreiros	3	7
Telhadores	1	2
Carniceiros	2	3
Alfaiates	2	3
Sapateiros	4	5
Seleiros	2	3
Funileiros	1	1
Ferreiros	3	3
Mecanista e espingardeiro	1	1
Caldereiro	1	1
Relojoeiro	1	1
Total:		57

Fábricas:

Olaria de telhas e tijolos	3	3
dos de louça de barro	1	1
fábrica de vinagre	1	1
» » cerveja	1	2
» » charutos	1	2
Padaria	1	1
Engenho de serrar	2	3
Engenho para moer	2	2
Total:		15

Estabelecimentos diversos:

Botica	1	1
Casas de negócio	3	5
Hospedarias e tavernas	2	5
Total:		11

Estabelecimentos rurais.

Engenhos de açúcar	47	51
Alambiques	47	51
Eng. de farinha de mandioca	33	47
Total:		149

Superfície cultivada:

Braças quadradas	1220.000	1578.000
------------------	----------	----------

Sendo: Mandioca	75.000
Feijão	20.000
Milho	200.000
Tubérculos	100.000
Cana	150.000
Café	25.000
Fumo	50.000
Arroz	20.000
Pasto	600.000
Terras derrubadas do mato mas agora sem plantação	401.000

Produção:

Açucar arr.	3.500	7.322
Cachaça medidas	17.400	22.013
Farinha de mandioca alquei.	1.430	2.594
Feijão "	404	388
Milho mãos	27.300	24.650
Fumo arr.	43	171
Tubérculos alq.		5.200
Café arr.		129
Arroz "		50
Leite med.		19.850
Manteiga arr.		212

Sendo o preço da farinha de mandioca muito barato, muitos colonos deixaram de fazer mandioca e a empregaram em comida do gado, ou ficou a mesma no chão.

Para o milho e feijão era o tempo do ano pouco favorável e tinha muitos bichos.

Animais:

Vacum	401	503
Cavalar	58	60
Cabrum		30
Suinos	1.164	1.097
Aves domésticas		7.500
Casas do Estado		
Casas de hospedagem construída de madeira falquejada		5
Cosinhas		14
Latrinas		3

Quatro destas casas são construídas neste ano, e uma delas fica por acabar.

Casa do pastor evangélico	1
Rancho do guindaste	1
Principiou-se a construção da casa da escola	

Meios de comunicação:

Fizeram-se neste ano:

Estradas transitáveis para carros . . . braços correntes 4.359
 (: Entretanto faltam ainda numa parte destas estradas as valas, aterros e escavações e serão substituídas algumas pontes provisórias por pontes sólidas:)

Caminhos transitáveis para cavaleiros . . . braços correntes 7.023
 (: Faltam igualmente ainda, algumas pontes sólidas em lugar das ditas provisórias:)

Picadas . . . braços correntes 912

Pontes sólidas 18

(: Algumas destas precisam ainda de concertos e trabalhos para o seu acabamento inteiro, que só se pode fazer quando passou algum tempo:)

Pontes provisórias . . . 14

Boeiros 24

Barcos de passagem . . . 2

(: além disso cinco barcos de passagem já existentes:)

Já existentes:

Guindaste com carro e cadeia forte e comprida 1

Escada grande de 84 degraus 1

Medição:

Picadas de Frente . . . braços 21.033,9

Linhas laterais e dos fundos: braços 6.177,7

A moralização era satisfatória.

Existe nesta colônia um juízo e uma subdelegacia, e só 2 pessoas foram condenadas por briga.



Com o presente Número completamos o Tomo VIII de "Blumenau em Caderno". As assinaturas para o Tomo IX, a ser publicado no próximo mês, custarão Ncr\$ 3,00.



PEÇAS GENUÍNAS

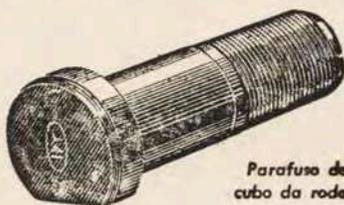


*Pino da
Manga do Eixo*

COM A GARANTIA DA **MERCEDES-BENZ**

Para seu caminhão, exija sempre peças que tenham fundida a estrela de 3 pontas. A Mercedes-Benz do Brasil se responsabiliza inteiramente pela qualidade dessas peças!

Toda peça com a marca fundida e numerada em código já passou por nossos laboratórios e é aprovada. Sem isto, é peça fraca, não serve. Para sua garantia, só compre peças com a marca Mercedes-Benz!



*Parafuso do
cubo da roda*

Procure peças **MERCEDES-BENZ** legítimas.

Concessionário Autorizado

Companhia Comercial SCHRADER

RUA 15 DE NOVEMBRO, 117

Caixa Postal, 4 - End. Telegráfico: «CIASCHRADER»

BLUMENAU — Santa Catarina

dia 137-14

INDÚSTRIA TÊXTIL

Companhia Hering

BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL
RUA HERMANN HERING, 1798 — CAIXA POSTAL Nº 2
TELEGR.: «TRICOT»



Fábrica de:

ARTEFATOS DE MALHAS

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a
grandeza do Brasil
em seu Comércio
e Indústria